

CONGADO: UMA EXISTÊNCIA CORPORAL

Sônia Cristina de Assis

Professora da Escola de Música da Universidade do Estado de Minas Gerais (ESMU/UEMG). Mestre em Educação, Cultura e Organizações Sociais pela Fundação Educacional de Divinópolis (FUNEDI/UEMG). Especialista em Educação Musical pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduada em Licenciatura em Educação Artística com habilitação em música pela UEMG.

assis.soniacris@gmail.com

Resumo

As influências da cultura africana são características decisivas nas manifestações da cultura popular brasileira. Uma das linguagens utilizadas pela cultura negra é o congado, que se expressa no olhar, riso, canto, dança e em toda a presença do corpo, abrindo para a compreensão do Outro de forma direta. Nesse estudo, abordaremos essa linguagem corporal do congado, sua existência através da oralidade da experiência do olhar associada ao fazer (trazer para o próprio corpo). Indicaremos que, através da corporeidade, o ser humano faz do mundo a extensão de sua experiência. Existir é mover-se em um determinado espaço e tempo, transformando o meio graças à soma de gestos eficazes. Na ritualização de sua cultura, através do canto e da dança, o ser humano concebe e representa experiências, projeta valores, sentidos e significados.

Palavras-chave: Cultura; congado; corporalidade e conhecimento.

Introdução

A história do fenômeno congado é uma afirmação da identidade negra de resistência cultural, sobrevivência e conquistas de um povo reprimido e violentado pela escravatura, que utilizaram táticas de preservação para continuidade de suas manifestações culturais. Segundo Azevêdo (1996), através dos seus gestos interiores, que são movimentos internos da sensibilidade, da reelaboração das contradições da própria vida auxiliada a uma ação transformadora e da comunicação simbólica entre o passado e o presente, o ser humano necessita distinguir e nomear o mundo que o rodeia e ao mesmo tempo de se expressar nele. Uma das linguagens utilizadas pela cultura negra é o congado, o fio condutor de comunicação permeada pela representação dramática.

Segundo Glaura Lucas (2005), nos rituais do congado, encontra-se também o catolicismo popular mesclado de maneira e grau diversos, sendo que seus conteúdos e sentimentos foram herdados da religiosidade africana. Sua história é perpassada de reelaborações transculturais decorrentes de uma trajetória de contatos e confrontos entre europeus e africanos. História iniciada no século XV, na África e posteriormente conciliada no seio das irmandades brasileiras pelas regras do sistema escravocrata, nos rituais de congado encontra-se um catolicismo transformado e reinterpretado pelo negro africano.

As influências da cultura africana são características decisivas nas manifestações da cultura popular brasileira. Todos os costumes, hábitos, crenças, rituais, cultos e histórias do reinado são transmitidos oralmente e corporalmente, tendo a memória coletiva como referência e valorizando o conhecimento dos mais velhos, que são os responsáveis por disponibilizar os saberes aos mais jovens. Na pedagogia ocidental, o ensinar é verbalizado e conceituado para ser doado metodicamente ao aluno, diferenciando-se assim da informalidade do ensinar-aprender das manifestações culturais afro-brasileira.

Tomando essa perspectiva como eixo norteador das reflexões presentes neste estudo, abordaremos a linguagem corporal do congado e sua existência através da oralidade da experiência do olhar associada ao fazer (trazer para o próprio corpo). Em suma, pretendemos, sobretudo, perceber como essas práticas de ensinar e aprender estão relacionadas com a linguagem oral e a linguagem do movimento, permeados de configurações e significados do corpo.

Cultura e corporalidade: uma existência corporal

Cultura na concepção do sociólogo Edgar Morin (2000) corresponde à diversidade cultural, pois é a pluralidade dos indivíduos que constitui conjunto de saberes,

fazer, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores e mitos que são transmitidos e apreendidos de geração em geração. Esses se reproduzem em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Para o autor, não existe sociedade arcaica ou moderna desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. “Assim sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas” (MORIN, 2000, p. 56).

A partir da cultura, a humanidade vive um determinado contexto social com o qual interage de forma dinâmica. Para Gonçalves (1994), as concepções que o indivíduo desenvolve a respeito de sua corporalidade e as suas formas de comportar-se corporalmente estão ligadas a condicionamentos sociais e culturais. Todavia, percebemos também que ao mesmo tempo em que a cultura atua na humanidade, modificando sua realidade, a humanidade atua sobre a cultura, influenciando suas formas de pensar, agir e sentir. Partimos da ideia de que o ser humano imprime suas marcas através da maneira de pensar e de suas ideias, seja nas dimensões intelectuais, afetiva, moral e física. A partir dessas considerações, aceitamos que não somos um corpo aberto somente a condicionamentos, mas a mudanças de padrões, uma vez que a cultura não é única, mas diversificada de ações e expressões, possibilitando ao ser humano escolher a forma de colocar-se corporalmente neste mundo.

Outra discussão que Gonçalves (1994) realiza sobre o corpo mostra que o ser humano é presença por intermédio do corpo, ou seja, ao mesmo tempo em que o corpo é presença, ele esconde e revela a maneira da pessoa ser no mundo. Dessa forma, através do corpo, as pessoas se expressam e se comunicam, ou seja, são elas mesmas.

Podemos falar em uma linguagem corporal, que revela, por meio da exterioridade, a nossa interioridade: nossos pensamentos e sentimentos, ligados à situação do momento, mas trazendo consigo toda nossa história pessoal. Revela também a sociedade em que vivemos, que, ao longo do processo histórico, desenvolve diferentes formas de comportar-se corporalmente e expressar seus sentimentos e valores (GONÇALVES, 1994, p. 103).

A linguagem corporal é fonte de conhecimento para além da imaginação, ultrapassa fronteiras, é um campo de conhecimento utilizado em nossa cultura que explora uma gama de potencial através das sensações, emoção e gestualidade. Expressamos no olhar, no riso, nas mãos, nos lábios, nas genitais, na postura, enfim, em toda a presença do corpo, abrindo para a compreensão do Outro de forma direta.

Estar presente é incluir-se num contexto social e cultural. Nesse sentido, David

Le Breton (2006) considera que “[...] através do seu corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade” (LE BRETON, 2006, p. 7). Para o autor, existir significa mover-se em um determinado espaço e tempo, transformando o meio graças à soma de gestos eficazes. Através da corporeidade, o autor acredita que o ser humano faz do mundo a extensão de sua experiência, são transformações que modificam os âmbitos familiares (privados) e sociais (públicos), locais disponíveis à ação e abertos a compreensão. Um corpo possível de emitir e receber sentimentos continuamente, possibilitando o ser humano se inserir nos espaços sociais e culturais de forma ativa.

Para Morin (2006), Gonçalves (1994) e Le Breton (2006), o existir é poder estar presente, poder escolher, atribuindo significados e valores, comunicando-se com palavras, gestos, cantos, mímicas, expressar-se nos rituais corporais, abrindo-se para o universo.

Movimento é vida: a corporalidade no congado

Para Morin (2003), uma cabeça bem feita é uma cabeça apta a organizar os conhecimentos e com isso, evitar uma acumulação estéril. A construção do conhecimento constitui-se de tradução e reconstrução a partir de sinais, signos, símbolos, representações, ideias, teorias, discurso. A organização dos conhecimentos é realizada em função de princípios e regras: comporta operações de ligação (conjunção, inclusão, implicação) e de separação (diferenciação, oposição, seleção, exclusão). Sendo, portando, um processo circular, ora passando da separação à ligação, da ligação à separação, da análise à síntese, da síntese à análise. Assim, o conhecimento comporta ao mesmo tempo separação e ligação, análise e síntese.

Segundo esse mesmo autor, o ensino escolar tradicional privilegia na civilização contemporânea a separação em detrimento da ligação e a análise em detrimento da síntese. Essa separação e acumulação acontecem devido à falta de ligação dos conhecimentos, não incentivando a organização que os liga. Para o sociólogo, esse tipo de conhecimento desune os objetos entre si, isolando-os de seu contexto natural e do conjunto do qual fazem parte. Para ele, é uma necessidade cognitiva inserir um conhecimento particular em seu contexto e situá-lo em seu conjunto.

A partir desse entendimento, reiteramos a importância da vivência corporal no processo de conhecimento. O corpo é elemento fundamental em toda a história cultural, social e biológica, a sabedoria corporal vem da experiência do movimento corporal. Movimento é vida. Todo ser vivo se move. As experiências do ser humano

nos primeiros anos de vida entre o seu corpo e o meio ambiente constroem-se através dos contatos, das descobertas, das sensações e dos reconhecimentos perceptivos. Através de instrumentos privilegiados - sendo eles visão, audição, tato, paladar e olfato, que estão condicionados a outros fatores como espaço e tempo - o ser humano percebe o mundo, recorta-o e o absorve.

A percepção do mundo através do corpo leva à aprendizagem. O antropólogo Le Breton (2006), no livro *A sociologia do corpo*, considera que o corpo existe na totalidade dos elementos que o compõe graças ao efeito conjugado da educação recebida e das identificações que levaram a pessoa a assimilar os comportamentos do meio social. O autor ressalta que as aprendizagens das modalidades corporais e as relações das pessoas com o mundo não se limitam necessariamente à infância, continuam durante toda sua existência conforme as mudanças sociais e culturais. São imposições ao estilo de vida, aos diferentes papéis ou identidades que o ser humano assumiu no decorrer de sua existência.

Da mesma forma, a expressão corporal é algo socialmente modulável, mesmo quando vivido de acordo com o estilo particular do indivíduo. Le Breton (2006) exemplifica o interior de uma mesma comunidade social, nela, todas as manifestações corporais dos atores são virtualmente significantes aos olhos dos parceiros. Isso pode ser percebido nas comunidades de congado, notamos que as danças e os gestos dos congadeiros nos rituais só têm sentido quando são relacionados à festa com toda a simbologia relacionada ao congado.

Corpo percebido

Quem acompanha os rituais tem grande possibilidade de reconhecer muitos símbolos através da percepção da imanência (o imediatamente dado), pois são imediatamente dados e percebidos; como as diferenças visuais, musicais (sonoras) e gestuais das guardas. A percepção por transcendência (além do imediatamente dado) vai além da imanência, ou seja, não é dada ou percebida claramente. São códigos estabelecidos pelos congadeiros e transmitidos pelos mais velhos e experientes no congado, sendo que muitos desses códigos poucos congadeiros terão acesso. Muito bem reelaborada nos rituais, a representação simbólica é presente nas vestes das guardas, nas danças, no canto e nos instrumentos. A percepção e entendimento que se tem dessas representações simbólicas para quem o assiste e o acompanha (quem vê de fora) é diferente para quem é congadeiro (quem está dentro).

Segundo Merleau-Ponty (1971), a imanência e a transcendência são os dois elementos principais, estruturais de qualquer ato perceptivo. Pois, o objeto percebido não é de

todo estranho ao sujeito que o percebe (imanência). Mas, toda percepção de alguma coisa significa uma não-percepção de algo que está para além do imediatamente dado (transcendência). Para o filósofo, os dois elementos não são mutuamente contraditórios, sabendo que toda vez que se tem consciência de alguma coisa, está aberta a possibilidade de não-consciência de aspectos relacionados àquele objeto percebido.

Merleau-Ponty (1971) considera o corpo como um veículo do ser no mundo, isso porque o ser humano através do seu corpo faz parte do meio já inserido e definido, confunde-se com os objetos desse meio e empenha-se continuamente nele. Nesse sentido, cada indivíduo tem consciência do mundo devido o seu corpo e consciência do seu corpo através do mundo. Assim, a percepção sofre influências culturais e sociais, não é neutra, ela também sofre transformações, percepções novas substituem as antigas e mesmo as novas emoções substituem as de outros tempos.

É assim que as manifestações culturais se mantêm na sociedade contemporânea, a informação é percebida corporalmente e interpretada em função de desejos e conhecimentos. Na ritualização de sua cultura, através do canto e da dança, o ser humano concebe e representa experiências, projeta valores, sentidos e significados. Essas experiências de vida e o conhecimento registram-se nos (ou pelos) campos sensoriais. Utilizando esses campos sensoriais de seu corpo, o ser humano percebe e dá sentido à coisa percebida.

Mas que corpo é esse? De que corpo se trata? São indagações levantadas por Le Breton (2006). Um corpo que é pouco questionado, mas que designa algumas abordagens como: sociologia do corpo. Esse autor critica as formas absurdas que nomeiam o corpo como se fosse um fetiche, na maioria das vezes omitindo o ser humano que o encarna. Por isso, ele ressalta que para qualquer questionamento sobre o corpo, é necessária antes a construção de seu objeto. Como no congado, o corpo está envolvido de representações (como a rainha e o rei congos representando as nações africanas), podemos considerá-lo natureza. Para Le Breton, “o corpo nem sequer existe. Nunca se viu um corpo: o que se vê são homens e mulheres. Não se vê corpos. Nessas condições o corpo corre o risco de nem mesmo ser universal” (LE BRETON, 2006, p. 24).

Da mesma forma, analisa algumas representações históricas que visam de fato dar carne ao ser humano ou dar um corpo ao ser humano. A representação dar um corpo ao ser humano vem do conhecimento médico, a anatomofisiologia, separando o ser humano de seu corpo. O antropólogo critica a sociologia da atualidade, que preocupada em compreender os usos sociais e culturais do corpo, não critica a teorização biomédica e vê nela sua realidade objetiva.

Na maior parte das investigações, a concepção moderna do corpo é a que serviu de marco inicial para a sociologia, nascida na passagem do século XVI para o século XVII. Essa concepção implica que o homem esteja separado do cosmo (não é mais o macrocosmo que explica a carne, mas a anatomia e uma fisiologia que só existe no corpo), separado dos outros (passagem da sociedade de tipo comunitária para a sociedade de tipo individualista onde o corpo encontra-se na fronteira da pessoa) e, finalmente, separado de si mesmo (o corpo é entendido como diferente do homem) (LE BRETON, 2006, p. 20).

Segundo o autor, na medicina popular a relação de corpo, carne, pessoa e universo não se separam, e muitos desses saberes são utilizados pela medicina popular na atualidade. Essa relação está associada com elementos da natureza como o vegetal ou mineral na cura de doenças, pois possui na forma e na cor, um funcionamento, uma analogia com o órgão afetado. Pela imposição das mãos, o magnetizador transmite uma energia que regenera as zonas doentes, colocando o ser humano em harmonia com o ambiente. O benzedor, com sua prece que murmura, acompanhado de gestos precisos, cristaliza as forças benéficas que aliviam o mal. Esses são alguns dos exemplos que Le Breton (2006) descreve sobre as concepções sociais que vinculam o ser humano ao cosmo.

O corpo, nas tradições populares, tem uma ligação direta com o universo, que lhe traz energia. O corpo está ligado ao cosmo. Nesse sentido, Le Breton (2006) argumenta que as representações do corpo são representações da pessoa. As representações das pessoas e do corpo estão sempre inseridas nas visões de mundo das diferentes comunidades humanas, o corpo é socialmente construído. Essas construções, segundo o mesmo autor, acontecem nas ações das cenas coletivas, nas teorias que explicam o funcionamento do corpo e nas relações. Assim, o corpo não pode ser visto somente como uma coleção de órgãos arranjados segundo as leis da anatomia e da fisiologia. Mas em primeiro lugar, o corpo é uma estrutura simbólica, superfície de projeção passível de unir as mais variadas formas culturais. A tarefa da antropologia e da sociologia é compreender a corporeidade enquanto estrutura simbólica e, assim, destacar as representações, os imaginários, os desempenhos, os limites que aparecem como infinitamente variáveis conforme as sociedades.

Pesquisas sobre a sabedoria corporal são compreendidas e apreendidas nos guardiões das inúmeras manifestações da cultura popular que fazem de seu corpo um veículo neste mundo e a consciência deste mundo através de seu corpo. Os Reinados de Nossa Senhora do Rosário são formados por grupos de pessoas simples e humildes.

São eles, lixeiros, peões, vigias, donas de casa, lavadeiras que conseguem transformar a vida dura e sofrida em uma celebração.

A dança e o gesto no Congado e os diferentes corpos são nomeados pela força dos movimentos que exprimem e formam a unidade das guardas de Congo e Moçambique; a primeira abre o caminho para que a potência da segunda preencha, com suor dos corpos e a sonoridade das gungas (guaiás), o espaço que se vai abrindo numa espécie de outro corpo a ser ocupado pelos movimentos dos dançantes (GOMES; PEREIRA, 1999, p. 405).

Essas reflexões permitem também construir pontes relacionadas à corporalidade nos rituais do “congado mineiro”. Nesse, mantêm-se os herdeiros dessa tradição sagrada, eles existem fechados e abertos simultaneamente em si mesmos e no mundo. O livro *Negras raízes mineiras* apresenta a dança do congado, os que cantam e dançam; a alma e o corpo são os pontos sensíveis da comunidade. Por serem diferentes, os corpos possibilitam uma organização de conjunto de movimentos que dão vida e plasticidade aos cortejos de Congo e Moçambique, ou força e calor às rodas de batuque. A dança existe em função da herança sagrada que se riaturaliza com os desdobramentos do corpo (GOMES; PEREIRA, 1999). A festa, o ritual e a ancestralidade deságuam nos músculos e na fé de toda essa gente que mantém o “reinado” em Minas.

Sendo um saber dos povos bantos, os congados se expressam através do cruzamento dos ancestrais fundadores, das divindades e “outras existências sensíveis” (transcendência) e através do grupo social e cultural. Leda Martins (1997) denomina essas expressões de cruzamento triádico, uma concepção filosófica que cria um sujeito como signo e efeito de princípios sem suprimir sua história e memória, o secular e sagrado, o corpo e a palavra, o som e o gesto, a história individual e a história coletiva ancestral, o divino e o humano, a arte e o cotidiano. Essa concepção está presente na cosmovisão dos capitães e reis dos congados, ou seja, a essência da cultura banta ali representada.

Essa energia cósmica esculpe um saber que se expressa na fala, na dança, no vestuário, em objetos, como os bastões, as caixas, os tambores, os adereços, cumprindo uma função ritual que não elide as linguagens das cores, dos sons, e dos gestos, mas sim, sinestesticamente, as conjuga na elaboração de uma fala plural que reveste o tempo presente com os adereços simbólicos ancestrais, carregando dentro de si uma tradição de ancestralidade, que cria e a diviniza (LOPES, 2006, p. 131).

Como afirma Le Breton (2006), o ser humano e o corpo são indissociáveis, a mesma relação os congados têm com a dança e a música, o ritual e o sagrado. A imagem que se tem do corpo nos congados é alimentada pelo simbólico ligado ao cosmo, a natureza, aos ancestrais, aos outros. O corpo não se distingue da pessoa, da natureza, das matérias-primas. O congado se constitui dos congadeiros, mançambiqueiros, reis, rainhas, porta-bandeira, música, dança, tambores, instrumentos de percussão, bastão e espada. Nas sociedades comunitárias, o corpo é o elemento de ligação de energia coletiva, é o que mantém e inclui cada um no seio do grupo.

Considerações finais

Assim, a partir dessas reflexões, entendemos que as contribuições desses autores trazem para o universo das culturas, das danças, dos ritmos, dos sons, dos cantos contemporâneos, a possibilidade de se pensar a corporalidade como espaço de expressão e de construção de pensamento - objeto e sujeito de cultura percebido diferentemente por quem cria, executa e assiste.

Pensar a corporalidade, a experiência que esse corpo apreendeu e compreendeu e por isso adquiriu saberes, abre-nos para uma nova significação. Saberes que foram percebidos e sentidos, ambos intrínsecos nesse corpo repleto de significados que nos leva à essência de nós mesmos, de “ser” e de ser no mundo. Sendo o ser humano parte desse mundo, não podemos pensá-lo fora de sua relação com o mundo, muito menos de seu corpo.

Nas manifestações populares, especificamente no “congado mineiro”, o corpo percebido está em ligação direta com o mundo dentro e fora da comunidade. Como diz Merleau-Ponty (1971), ser corpo é estar unido a um certo mundo, que já o vimos, e nosso corpo não está primeiramente dentro do espaço: ele é espaço. Finalizando com Le Breton (2006), o corpo está no cruzamento de todas as instâncias da cultura, o ponto de atribuição por excelência do campo simbólico. No caso dos congados, os sons que saem dos instrumentos fazem com que seus integrantes percebam-se no mundo, organizem-se e dançam, aguçando os sentidos da experiência de vida.



Referências

- AZEVEDO, F. A. G. Sobre a dramaticidade no ensino de arte. In: GOUVÊA, L. P. (Coord.). *Som, gesto, formar e cor: dimensões da arte e seu ensino*. Belo Horizonte: C/ARTE, 1996.
- GOMES, N. P. de M.; PEREIRA, E. de A. *Negras raízes mineiras: os arturos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2000.
- GONÇALVES, M. A. S. *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação*. São Paulo: Papirus, 1994.
- LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- LOPES, N. *Bantos, malês e identidade negra*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.
- LUCAS, G. *Música e tempo nos rituais do congado mineiro dos arturos e do jatobá*. Tese (Doutorado em Música) - Centro de Letras e Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.
- MARTINS, L. M. *Afrografias da memória: O reinado do rosário no jatobá*. Belo Horizonte: Mazza Edições; 1997. Coleção Perspectiva.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Frei Bastos, 1971.
- MORIN, E. *Os setes saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.
- _____. *A cabeça bem-feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

Congado: a corporal existence

Abstract: The influences of African culture are decisive characteristics in the manifestations of Brazilian popular culture. Congado is one of the languages used by black culture which expresses itself through the act of smile, sing and dance in the presence of the whole body, helping people to open to the others directly. In this study, we discuss the body language of Congado and its existence through the experience of looking associated to the act of doing (bring to the own body). It is postulated that through the corporality human being makes the world the extent of their experience. To exist is to move within a certain space and time, transforming the environment thanks to the sum of effective gestures. In the ritualization of their culture through song and dance, the human being conceives and represents experiences, projects values, meanings and senses.

Keywords: Culture; congado; corporality, knowledge.